

ÁULIS E O FIM DA IDADE HERÓICA DA GRÉCIA

Wilson Alves Ribeiro Jr.¹

Resumo:

A reunião dos gregos em Áulis, na Beócia, antes de navegar para Tróia, transcende o simples cruzamento de fronteiras entre helenos e bárbaros e marca os limites da Idade Heróica da Grécia. A finalidade do presente artigo é examinar, de acordo com Hesíodo, Tucídides e Eurípides, alguns dos limites ultrapassados pelos gregos em Áulis.

Palavras-Chave: Áulis; Eurípides; Guerra de Tróia; Idade Heróica; Fronteiras.

* * *

Em Áulis, local da Beócia onde transcorreram os eventos míticos descritos poeticamente na *Ifigênia em Áulis* de Eurípides, confluíram diversos limites e fronteiras que, ultrapassados, marcaram o fim da Idade Heróica da Grécia. O objetivo desta breve reflexão é examinar, no plano mítico e, em certa extensão, no plano histórico, a natureza de alguns desses limites.

O primeiro limite, de ordem cronológica, compreende a própria Guerra de Tróia e o fim da Idade Heróica. Para Hesíodo, o limite é marcado pelo desaparecimento dos semideuses, os "corajosos heróis" que viveram antes dele:

*"a raça divina dos corajosos heróis, chamados de semideuses, geração anterior na terra infinita." (Hesíodo, *Trabalhos e Dias* 159-160).*

Nos versos seguintes, Hesíodo deixa bem claro que os heróis a que se refere são aqueles que participaram da conquista de Tebas e da guerra de Tróia (Hesíodo, *Trabalhos e Dias* 161-168). Na cronologia mítica, a guerra de Tróia é posterior à queda de Tebas — tanto que Diomedes, um dos mais importantes heróis homéricos, foi um dos *Epígonos* (Homero, *Ilíada* 4.370-410). No plano mítico, portanto, estão efetivamente ligados os eventos da Guerra de Tróia e o limite que separa os homens da Idade Heróica dos homens da Idade de Ferro.

A Guerra de Tróia é, igualmente, barreira que separa os tempos míticos dos tempos históricos. Muitos heróis, ao voltar, não puderam ou não

¹ Médico, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP. Comunicação apresentada em 18/09/2003 na mesa-redonda "As fronteiras da forma: metamorfose e limites na Mitologia Grega", durante o V Congresso da SBEC (Pelotas, 15 a 19 de setembro de 2003).

quiseram continuar em seus lares e fundaram diversas outras cidades; há, conseqüentemente, uma certa correspondência entre os *Nostoi*, mitos de retorno dos heróis da Guerra de Tróia, e a turbulência e migrações que caracterizaram o fim do Período Micênico, especialmente entre 1200 e 950 a.C. (Osborne, 1996: 19-36). Tucídides, no século V a.C., recorreu também à mítica guerra de Tróia para explicar a passagem da *Era dos Heróis* para a *Era dos Homens*: "pois a volta dos Helenos de Ílion foi demorada e provocou muitas inovações²; surgiram facções nas cidades, em todo lugar, e aqueles que eram banidos fundavam cidades" (Tucídides, 1.12.2).

Caberia, aqui, discutir o "retorno dos Heráclidas", mito tradicionalmente associado aos séculos obscuros que teriam seguido o fim da Idade Heróica, mas me limitarei a lembrar que essa lenda está muito contaminada pela "propaganda política" da época em que as comunidades dórias do Peloponeso começaram a se opor às comunidades jônias da Grécia Central. Mais do que barreiras, essa questão envolve interesses políticos sectários e outros conflitos dos séculos VII e VI a.C. (Dowden, 1994: 97-101)³.

O segundo limite é de natureza geográfica: Áulis, no litoral da Beócia, perto de Cálcis, na Eubéia. Como lembrou Tucídides, os helenos foram até Áulis e de lá embarcaram para empreender, pela primeira vez, algo em comum (Tucídides 1.3.1); segundo a *Ilíada*, heróis e soldados de vinte e nove regiões gregas (Homero, *Ilíada*, 2.484-789) se reuniram ali com o mesmo objetivo, pilhar e saquear a rica cidade de Tróia — o rapto de Helena nada mais era do que simples pretexto. Convém recordar que a pretensa "unidade grega" mencionada nas lendas e aceita por Tucídides não passa de uma construção mítica, assim como a polarização "gregos contra bárbaros" assinalada por Heródoto (Heródoto, 1.1). Na realidade, os aedos que criaram os poemas homéricos viveram na Iônia, onde os gregos se instalaram durante os séculos X-IX a.C. às custas de muitos confrontos com populações locais. O mito, com freqüência, reflete situações totalmente opostas à realidade e talvez os mitos do Ciclo Troiano ecoem, de forma altamente amplificadas, enfrentamentos entre alguns gregos e alguns bárbaros durante a expansão marítima helênica dos

² *Scilicet*: "revoluções".

³ A literatura conservou lembranças dos eventos dessa época: Tirteu, *Fragmento 2*; Píndaro (*Istmicas* 7, 14-15); Mimnermo (*Fragmento* 12 Adrados = 9 West).

primeiros séculos do I milênio a.C.⁴. Áulis, no entanto, foi importante não apenas do ponto de vista mítico: de lá partiram, em épocas posteriores e históricas, muitas dessas expedições que fundaram novas cidades além-mar (Reinach, 1915). Áulis era, além disso, parada freqüente para os navios que, saindo do Pireus, costeavam a Ática em direção ao norte e ao oriente (Shewan, 1917). De Áulis partiu também o rei espartano Agesilau em 398-396 a.C. para sua expedição contra a Pérsia (Pausânias, 3.9.3; Plutarco, *Agesilau*, 6). Como se vê, as "areias de Áulis beira-mar" (Eurípides, *Ifigênia em Áulis*, 65) efetivamente constituíram a barreira e o limite entre a Hélade e as terras bárbaras do leste; essa fronteira, transposta pelos gregos, marcou o fim da Idade Heróica.

Do ponto de vista mitológico, por que Áulis, em especial, deve ser considerada não só uma fronteira, mas "a fronteira"⁵? É possível preparar listas intermináveis de "SEs" para determinar qual a barreira ou fronteira mítica melhor reflete ou ecoa a história real: SE Tétis não fosse tão bonita, SE Páris / Alexandre tivesse morrido quando exposto por Hécuba e Príamo, SE Atena ou Hera tivessem sido mais persuasivas que Afrodite, SE os pretendentes de Helena não tivessem feito o juramento a Tíndaro, SE Menelau não tivesse se ausentado de Esparta, SE os troianos tivessem devolvido Helena, SE Télefo tivesse morrido antes de chegar à Mísia, SE Ifigênia não tivesse saído de Micenas. A meu ver, é esta a melhor escolha: SE os helenos não tivessem embarcado em Áulis, a guerra de Tróia não teria ocorrido, os heróis não teriam ficado tanto tempo longe de casa e a era dos heróis teria durado muito mais tempo.

O terceiro limite a ser discutido se compõe, na realidade, por uma série de pequenos limites, pois para ultrapassar um grande limite, com freqüência é necessário ultrapassar outros limites menores. Em benefício da brevidade, assinalarei apenas algumas das barreiras descritas na *Ifigênia em Áulis* de Eurípides e examinar como, segundo o poeta, elas foram vencidas. De acordo com o texto euripídiano, em Áulis os gregos tiveram muitas oportunidades de

⁴ Mimnermo (Mimnermo, *Fragmento* 12 Adrados = 9 West) e Dowden (1994: 93-94), entre outros.

⁵ Do ponto de vista geográfico e estratégico, são muitas as razões que podem ter guiado a escolha do local para escala de uma longa viagem ou para ponto de encontro das forças gregas; ver Shewan, 1917.

retornar; nada, porém, os impediu, tamanha era a motivação para prosseguir. Quatro são as barreiras mais importantes:

“A primeira barreira foi a barreira climática: reunidos os exércitos em Áulis, os ventos impediram a partida dos navios para Tróia (Eurípides, *Ifigênia em Áulis* 9-11, 87-88, 352, 1323-1324) e, aqui, a realidade efetivamente se compara ao mito: Pausânias testemunhou, no século II, que a navegabilidade nesse local, por causa das correntes alternadas do Êuripo, era muito ruim.” (Pausânias 8.28.4).

A segunda barreira foi o próprio comandante da expedição. Calcas, o adivinho, interpretou a vontade dos deuses: para vencer a barreira climática, era preciso sacrificar Ifigênia, a filha mais velha de Agamêmnon, comandante das forças gregas. A ambição e a conveniência política ultrapassaram, aparentemente, o amor paterno: o desejo de saquear, o desejo de glória, o medo das represálias dos demais reis gregos impulsionaram a decisão de Agamêmnon e a jovem Ifigênia foi chamada a Áulis sob pretexto de ser dada em casamento a Aquiles⁶.

A terceira e a quarta barreiras se relacionam com o sacrifício de Ifigênia. Não discutirei aqui a barreira cultural constituída pela morte proposital e ritual de um ser humano para aplacar ou propiciar uma divindade; tratarei apenas e especificamente do sacrifício de Ifigênia na tragédia de Eurípides. Havia, parece, uma tradição que apontava a necessidade de sacrifícios propiciatórios antes de expedições militares ou de batalhas (Séchan, 1931: 377; Grégoire, 1948) e o mito não deixa de ser um reflexo desse fato histórico. A jovem chegou a Áulis em época do ano propícia aos sacrifícios⁷ e preparada para o casamento. Descoberto o engodo, Clitemnestra e Ifigênia tentaram a princípio impedir a morte da moça com a ajuda do próprio Aquiles mas, diante das dificuldades, em súbita reviravolta — já assinalada por Aristóteles (Aristóteles, *Poética* 1454a) e discutida longamente por Siegel (1980) e por Foley (1985), Ifigênia decidiu ir voluntariamente para o sacrifício.

⁶ Note-se aqui a ironia trágica do paralelo casamento / morte: na realidade a jovem iria se casar com Hades, eufemismo usado pelos trágicos para as moças que morriam antes de se casar (Eurípides, *Ifigênia em Áulis* 461; Foley, 1994).

⁷ A referência a um astro brilhante no céu nos vv. 6-8 da *Ifigênia em Áulis* tem sido objeto de muitas discussões. Os eventos descritos na tragédia ocorrem em pleno verão, no início da Canícula, "período de perigo e de crise" (Jouan, 1983: 127).

A despeito de argumentos tais como a ausência de opções (ir voluntariamente ou ser levada à força) ou a simples obediência aos desejos do pai (uma obrigação dos filhos — ver Foley, 2001: 125), Ifigênia efetivamente ultrapassou uma barreira, a barreira social imposta às mulheres gregas.

O destino da mulher grega era viver à sombra dos homens, fazer o que lhe era ordenado, sem escolhas: viver e existir apenas para "gerar filhos legítimos" (Menandro, *passim*⁸). Em síntese, para a mulher, *aidos* (pudor); para o homem, *kleos* (fama). Segundo a tradição, mulheres não podiam nem mesmo escolher a forma de morrer, mas Ifigênia decidiu escolher; dessa forma, procurou atingir a glória (*kleos*), busca muito cara a todos os gregos. Note-se que a glória almejada era muito diferente da glória puramente "feminina" alcançada, por exemplo, pela Penélope da *Odisséia*; a glória de Ifigênia tinha uma certa conotação guerreira, "masculina", mais apropriada a um homem do que a uma mulher, como se vê pelo epíteto "destruidora de cidades" usado pela própria Ifigênia e também pelo coro:

IF. Conduzam a mim, a destruidora da cidade de Ílion e dos Frígios!

CO. Vejam a destruidora da cidade de Ílion e dos Frígios!

(Eurípides, *Ifigênia em Áulis*, 1475-1476 e 1510-1511)

Ao decidir caminhar voluntariamente para o sacrifício, Ifigênia ultrapassou, portanto, o limite da glória que uma mulher era capaz de atingir na Grécia Antiga. Ironicamente, para atingir o *kleos*, Ifigênia teve mesmo que se casar... com Hades. Na versão euripidiana da lenda heróica, o sacrifício não se consumou; Ifigênia foi substituída no último momento por uma corça e, assim, ultrapassou mais um limite, o limite que separa o humano do divino. Refiro-me, aqui, à versão da lenda em que Ifigênia se torna Hécate⁹, conforme os *Cantos Cípricos*, cujo resumo conhecemos graças a Proclo, e o *Catálogo das Mulheres* pseudo-Hesíodico:

“Encolerizada, a deusa impediu a navegação, enviando-lhes tempestades. Calcas, então, falou da cólera da

⁸ *Apud Leduc*, 1993: 321.

⁹ Há evidências de que Ifigênia foi uma antiga divindade da natureza, assimilada a Hécate e a Ártemis em tempos proto-históricos (Reinach, 1915; Lloyd-Jones, 1983). Alguns resquícios desse antigo *status* persistem na lenda heróica.

deusa e exortou-os a sacrificar Ifigênia a Ártemis. Mandando buscá-la como que para um casamento com Aquiles, eles tentaram sacrificá-la, mas Ártemis arrebatou-a, transportou-a para os Tauros, tornou-a imortal e colocou sobre o altar uma corça no lugar da donzela.” (Proclo, Chrestomatia, argumentum 44-49)

“E a ela agora, sobre a terra, as raças dos homens chamam de Ártemis protetora dos caminhos¹⁰, serva da gloriosa atiradora de flechas.” (Catálogo das Mulheres, fr. 23a M-W, 25-26)

Menciono, por fim, algumas curiosidades e coincidências referentes à própria tragédia. A *Ifigênia em Áulis* de Eurípides marca um "limite literário", pois o ano da representação, -405, é a fronteira entre o apogeu da tragédia ática e seu longo declínio; marca, igualmente, um "limite bibliográfico", uma vez que, das tragédias posteriores à *Iphigeneia Aulidensis*, somente o *Rhesus* seria considerado digno de ser conservado. Ela foi, portanto, a última tragédia conservada dos três grandes trágicos atenienses¹¹. De certa forma, a tragédia assinala ainda um limite histórico: pouco depois de sua representação (404 a.C.), Atenas se rendeu a Esparta e a Guerra do Peloponeso terminou, o que decretou o fim do Império ateniense do século V a.C. e o início de uma nova etapa cultural na vida grega.

Para concluir este breve estudo, uma última reflexão: será que os heróis gregos sabiam que, ultrapassando Áulis e demorando tanto tempo em Tróia, iriam desencadear o processo de desagregação de seu mundo, o mundo dos heróis? Acredito que os heróis tinham plena consciência de que estavam empreendendo algo de grandiosidade nunca vista e sem dúvida sabiam que grandes empreendimentos têm invariavelmente grandes conseqüências. No mito, Áulis definiu o ponto de inflexão que iria separar a raça dos heróis da raça de ferro, fronteira além da qual não haveria mais possibilidade de volta; os heróis sabiam disso e, mesmo assim, não hesitaram em ultrapassá-lo.

¹⁰ Epíteto tradicional de Hécate.

¹¹ A maioria dos eruditos, atualmente, credita o *Rhesus* a um tragediógrafo anônimo do século -IV. O *Édipo em Colono* de Sófocles, embora representado pela primeira vez em -401, foi provavelmente escrito antes da *Ifigênia em Áulis*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Autores antigos¹²

- ARISTÓTELES, *Poética* [c. 334 a.C.]. In: J. HARDY, *Aristote. Poétique*. Paris: Les Belles Lettres, 1932.
- CATÁLOGO DAS MULHERES, *Fragmento 23a* [c. 550 a.C.]. In: F. SOLMSEN, R. MERKELBACH & M.L. WEST, *Hesiodi Theogonia, Opera et Dies, Scutum, Fragmenta Selecta*. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1970, pp 120-121.
- EURÍPIDES, *Ifigênia em Áulis* [405 a.C.]. In: J. DIGGLE, *Euripidis Fabulae*, t. 3. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1994, pp. 357-425.
- HERÓDOTO [484-425 a.C.]. In: A.D. GODLEY, *Herodotus*, v. 1. Cambridge: Harvard University Press, 1926.
- HESÍODO, *Os trabalhos e os dias* [c. 700 a.C.]. In: F. SOLMSEN, R. MERKELBACH & M.L. WEST, *Hesiodi Theogonia, Opera et Dies, Scutum, Fragmenta Selecta*. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1970, pp. 49-85.
- HOMERO, *Iliada* [c. 750-725 a.C.]. In: R.C. ONESTI, *Omero. Iliade*. Prefazione de F. Codino. Torino: Einaudi, 1950.
- MIMNERMO, *Fragmentos* [séc. VII a.C.]. In: M.L. WEST, *Iambi et elegi Graeci*, v. 2. Oxford: Clarendon Press, 1972, pp. 83-90.
- PAUSÂNIAS [séc. II]. In: W.H.S. JONES, *Pausanias. Description of Greece*, 4 v. Cambridge: Harvard University Press, 1918-1935.
- PÍNDARO, *Ístmicas* [518-418 a.C.]. In: J. SANDYS. *The Odes of Pindar including the Principal Fragments*. Cambridge: Harvard University Press, 1937.
- PLUTARCO, *Agésilau* [séc. VIII]. In: B. PERRIN, *Plutarch's lives*, v. 5. Cambridge: Harvard University Press, 1917, pp. 2-112.
- PROCLOS, *Crestomatia*, [410-485]. In: A. BERNABÉ, *Poetarum Epicorum Graecorum Testimonia et Fragmenta*, pars I. Stuttgart e Leipzig: B.G. Teubner, 1996.
- TIRTEU, *Fragmentos* [séc. VII a.C.]. In: M.L. WEST, *Iambi et elegi Graeci*, v. 2. Oxford: Clarendon Press, 1972, pp. 150-163.
- TUCÍDIDES [445-400 a.C.]. In: R. CRAWLEY, *The Peloponnesian War*. London e New York: J.M. Dent e E.P. Dutton, 1910.

¹² Entre colchetes, a datação aproximada do texto original.

2. Autores modernos

- DOWDEN, K. *Os usos da mitologia grega*. Trad. C.K. Moreira. Campinas: Papirus, 1994.
- FOLEY, H.P. *Ritual Irony: Poetry and sacrifice in Euripides*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1985.
- _____. *Female acts in Greek Tragedy*. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2001.
- GRÉGOIRE, H. Iphigénie en Tauride. In: L. PARMENTIER & H. GRÉGOIRE, *Euripide: Les Troyennes, Iphigénie en Tauride, Électre*. Paris: Les Belles Lettres, p. 83-171, 1948.
- JOUAN, F. *Euripide, tome VII¹: Iphigénie à Aulis*. Paris: Les Belles Lettres, 1983.
- LEDUC, C. Como dá-la em casamento? A noiva no mundo grego (séculos IX-IV a.C.). In: G. DUBY & M. PERROT (dir.), *História das Mulheres no Ocidente*, v. 1. Trad. M.H.C. Coelho *et alii*. Porto e São Paulo: Edições Afrontamento e EBRADIL, p. 277-350, 1993.
- LLOYD-JONES, H. Artemis and Iphigeneia. *Journal of Hellenic Studies*, London, v. 103, p. 87-102, 1983.
- ORBORNE, R. *Greece in the Making, 1200-479 BC*. London and New York: Routledge, 1996.
- REINACH, S. Observations sur le Mythe d'Iphigénie. *Révue des Études Grecques*, Paris, v. 28, p. 1-15, 1915.
- SÉCHAN, L. Le Sacrifice d'Iphigénie. *Révue des Études Grecques*, Paris, p. 368-426, 1931.
- SHEWAN, A. The Assembly at Aulis. *The Classical Review*, v. 31, n. 1, p. 7-9 (1ª parte) e n. 2, p. 37-39 (2ª parte), 1917.
- SIEGEL, H. Self-Delusion and the Volte-Face of Iphigenia in Euripides' "Iphigenia at Aulis". *Hermes*, Wiesbaden, v. 108, p.300-321, 1980.

* * *

Abstract:

The gathering of the Greeks in Aulis, Boiotia, before sailing to Troy, transcends the simple crossing of borders between helenes and barbarians and delimitates the end of Heroic Age in Greece. The purpose of this paper is to discuss, according to Hesiod, Thucydides and Euripides, some of the limits surpassed by the Greeks in Aulis.

Key-Words: Aulis; Euripides; Trojan War; Heroic Age; Borders.